



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - DED
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

SOLANE OLIVEIRA DO NASCIMENTO

USO EXCESSIVO DE TELAS: OS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Mamanguape - PB
2024

SOLANE OLIVEIRA DO NASCIMENTO

USO EXCESSIVO DE TELAS: OS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Ivonaldo Neres Leite.

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N244u Nascimento, Solane Oliveira do.

 Uso excessivo de telas : os impactos no
desenvolvimento infantil / Solane Oliveira do
Nascimento. - Mamanguape, 2024.
 53 f. : il.

 Orientação: Ivonaldo Neres Leite.
 TCC (Graduação) - UFPB/CCAÉ.

 1. Telas. 2. Infância. 3. Tempo. 4. Desenvolvimento
infantil. I. Leite, Ivonaldo Neres. II. Título.

UFPB/CCAÉ

CDU 37.012

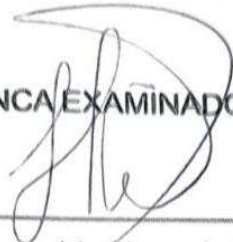
SOLANE OLIVEIRA DO NASCIMENTO

USO EXCESSIVO DE TELAS: OS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: 24/10/2024

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Ivonaldo Neres Leite (UFPB)

Orientador



Prof.(a) Dr. Francisca Terezinha de Oliveira Alves (UFPB)

Membro avaliador



Prof.(a) Doutoranda Ione Gomes da Silva (UFPB)

Membro avaliador

Dedico este trabalho aos meus pais, Marizete e Severino, pela infinita generosidade, amor, dedicação e incentivo que sempre me proporcionaram. Sem a presença constante e o apoio deles, esta realização não seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por sempre me guiar por caminhos iluminados e segurar minhas mãos, permitindo-me caminhar com segurança.

À minha família, expresso minha gratidão pelo carinho e apoio incondicional, especialmente aos meus pais, Marizete Oliveira da Silva e Severino Ramos do Nascimento, cuja paciência, dedicação e incentivo me sustentaram nos estudos. À minha querida avó (*in memoriam*) Marinete Oliveira da Silva, que foi a base sólida sobre a qual me construí, minha eterna gratidão.

À minha pequena Laila, agradeço eternamente por ser a luz que ilumina nossas vidas e torna nossos dias mais felizes. Você é uma preciosidade e eu te amo profundamente.

Aos meus professores, que enriqueceram meu aprendizado, possibilitando-me alcançar este momento, sou profundamente grata. Em especial, à minha primeira professora, Márcia, cujo amor pela docência plantou em mim o desejo de ensinar.

Agradeço imensamente à professora Dra. Francisca Terezinha Oliveira Alves, por sua orientação dedicada e cuidadosa durante a fase do pré-projeto. Ao meu orientador, Professor Dr. Ivonaldo Neres Leite, agradeço pela paciência e atenção, e por despertar minha curiosidade em pesquisar sobre o tema deste trabalho.

Aos meus amigos acadêmicos, que tornaram essa jornada mais leve e prazerosa, e aos meus amigos de infância, que permaneceram até hoje em minha vida, me proporcionando momentos de escape e alívio quando precisei descansar a mente desta árdua jornada, minha eterna gratidão. A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a minha pesquisa, meu sincero agradecimento. Todos vocês foram essenciais para que eu chegasse até aqui.

RESUMO

Este trabalho investiga os riscos associados à exposição precoce e excessiva a telas no desenvolvimento de crianças entre 0 e 6 anos, uma questão contemporânea que gera preocupações entre pais, educadores e profissionais da saúde. O objetivo central é analisar as consequências do uso prolongado de dispositivos eletrônicos, ressaltando a necessidade de estabelecer limites e supervisão no uso dessas tecnologias. Metodologicamente, para alcançar esse propósito, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, tendo como base a realização de entrevistas com pais, educadores e psicólogos que atuam com essa faixa etária, as quais foram analisadas através da técnica de análise temática. Do ponto de vista da sua fundamentação teórica, o trabalho tem como referência, por exemplo, as abordagens da sociologia e da psicologia sobre o processo de socialização e desenvolvimento infantil. Os resultados da pesquisa indicam que a exposição excessiva às telas pode levar a consequências permanentes, como dificuldades no processo de socialização, aumento de estresse e ansiedade, além de outras consequências mais severas. A partir dessa análise, o estudo propõe alternativas que incentivem a interação social e atividades interativas, fundamentais para o desenvolvimento saudável das crianças. Ao final, de forma conclusiva, destaca-se a importância de se promover um uso equilibrado da tecnologia, contribuindo para um futuro onde as crianças possam explorar e interagir de forma saudável, assegurando seu desenvolvimento integral e bem-estar.

Palavras-chave: Telas, infância, tempo, desenvolvimento infantil.

ABSTRACT

This study investigates the risks associated with early and excessive screen exposure on the development of children aged 0 to 6 years. This is a contemporary issue that raises concerns among parents, educators, and health professionals. Its central objective is to analyze the consequences of prolonged use of electronic devices, and in this way it emphasizes the need to establish control and supervision over the use of such technologies. Methodologically, to achieve this purpose, the research adopts a qualitative approach, based on interviews conducted with parents, educators, and psychologists who work with this age group, which were analyzed using the thematic analysis technique. From a theoretical perspective, the work references, for example, the approaches of sociology and psychology regarding the processes of socialization and child development. The research results demonstrate that excessive screen exposure can lead to permanent consequences in child development, including difficulties in socialization, increased stress and anxiety, and impaired motor skills. Based on this analysis, the study proposes alternatives that encourage social interaction and playful activities, which are fundamental for the healthy development of the child. In conclusion, the importance of promoting a balanced use of technology is emphasized, contributing to a future where children can explore and interact healthily, ensuring their integral development and well-being.

Keywords: Screens, childhood, time, child development.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Operacionalização da análise temática das entrevistas.....	29
--	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. CRIANÇAS, SOCIEDADE E SOCIALIZAÇÃO.....	14
2.1 Perspectiva sócio-histórica sobre o conceito de infância	14
2.2 Abordagens sobre o processo de socialização e o desenvolvimento infantil	17
2.3 A infância na sociedade digital: novas formas de socialização, tempo de tela e novos problemas	22
3. INFÂNCIA E TELA: PERSPECTIVAS DE PAIS, EDUCADORES E PROFISSIONAIS DA SAÚDE	27
3.1 Do outro lado da tela: consequências do uso de telas na infância	29
3.1.1 Perspectiva dos professores.....	30
3.1.2 perspectiva dos psicólogos.....	33
3.2 Desafios na mediação e supervisão parental	35
3.3 O papel da escola na educação e conscientização digital	38
3.4 Estratégias de intervenção para a redução do tempo de tela das crianças	40
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
5. REFERÊNCIAS.....	45
6. APÊNDICES.....	47

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, as transformações e os avanços tecnológicos realizados pela humanidade moldaram profundamente a rotina de todas as pessoas, incluindo as crianças, que agora estão inseridas em um contexto digital desde muito cedo. No entanto, em um mundo tão tecnológico, seria possível imaginar uma realidade diferente? A interação digital com dispositivos eletrônicos tornou-se presente na vida cotidiana, e é cada vez mais comum observar crianças tendo seu primeiro contato com as telas antes mesmo de darem os primeiros passos.

Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar os riscos associados à exposição precoce e excessiva a telas no desenvolvimento de crianças entre 0 e 6 anos. Dessa forma, os seus objetivos específicos são: descrever as consequências e os riscos permanentes que o uso prolongado de telas pode acarretar; evidenciar a importância de limitar o tempo de uso das telas durante a primeira infância; e refletir sobre as possibilidades e alternativas que podem ser adotadas para controlar e moderar o uso de dispositivos eletrônicos por crianças.

O uso de telas, na primeira infância, representa uma temática complexa e contemporânea, que traz desafios significativos para pais, educadores e profissionais da saúde. A motivação para investigar essa questão surgiu das experiências práticas da autora, vivenciadas durante o Estágio Supervisionado na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental - 1º ao 3º ano. Durante o período de observação e regência, foi notável a falta de interesse que as crianças demonstravam em realizar atividades lúdicas tradicionais, como desenhar, pintar e participar de brincadeiras que estimulassem a resolução de problemas, a movimentação corporal e a interação social. Esses alunos apresentavam um desenvolvimento tardio, demonstrando dificuldades em realizar atividades simples, como segurar um lápis, escrever o próprio nome, cobrir ou pintar um desenho, além de não conseguirem brincar ou dialogar com outras crianças de forma social, sem agir com agressividade. Também evidenciavam grandes picos de estresse e ansiedade e momentos em que sentiam a necessidade de chorar, correr ou gritar para regular suas emoções.

A partir dessas observações, emergiu o questionamento sobre o motivo pelo qual crianças tão pequenas apresentavam comportamentos dessa natureza. Afinal, são crianças, e o desejo de brincar, explorar e criar deveria ser inerente à infância.

Por meio de diálogos com as professoras titulares das turmas, foi possível identificar um cenário comum entre essas crianças: o uso excessivo de telas, que se tornava cada vez mais presente em suas rotinas diárias. Esse fenômeno contemporâneo se enraíza de tal forma que é cada vez mais comum observar crianças reféns de dispositivos eletrônicos, distantes das interações sociais e das experiências lúdicas que são fundamentais para seu desenvolvimento integral.

Esse cenário revela a urgência de uma reflexão crítica sobre o impacto da tecnologia no desenvolvimento infantil e a necessidade de promover alternativas que favoreçam experiências enriquecedoras e equilibradas. A investigação proposta busca, portanto, contribuir para uma compreensão mais aprofundada dos efeitos da exposição a telas, visando o desenvolvimento saudável e integral das crianças na primeira infância.

A fase da primeira infância representa um período crucial de maturação cerebral, em que atividades como brincar, explorar, criar e interagir são essenciais para o desenvolvimento saudável da criança. Nesse contexto, torna-se fundamental entender os riscos associados à exposição excessiva às telas e a importância de mediar e supervisionar esse acesso, estabelecendo limites e oferecendo conteúdos que realmente contribuam para o desenvolvimento das habilidades necessárias.

Portanto, procuramos analisar e discutir essa temática, buscando compreender e conscientizar sobre como a exposição precoce e excessiva a dispositivos eletrônicos pode impactar diretamente o desenvolvimento infantil. Assim, o problema que guiará esta pesquisa será: Qual é o impacto causado pelo uso excessivo de telas na primeira infância? Este questionamento nos permitirá investigar de maneira aprofundada as consequências do uso inadequado de tecnologias, promovendo uma reflexão crítica que visa não apenas compreender os desafios enfrentados, mas também propor alternativas que favoreçam um ambiente de aprendizagem mais equilibrado e saudável para as crianças.

Em termos metodológicos, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa de natureza exploratória. Nessa perspectiva, foram realizadas seis entrevistas semiestruturadas com diferentes participantes: duas mães residentes nas cidades de Rio Tinto e Itapororoca; duas professoras atuantes em Campina Grande e Curral de Cima; uma gestora escolar que atua em uma creche na cidade de Rio Tinto; e uma psicóloga especializada em Terapia Cognitiva-Comportamental da Infância e

Adolescência, atuante na cidade de Itapororoca. As entrevistas foram gravadas no Município de Rio Tinto, transcritas e analisadas minuciosamente através da análise temática, conforme a interpretação de Souza (2019), buscando a precisão e a integridade das informações coletadas. Essas entrevistas buscaram enriquecer a compreensão dos efeitos da exposição excessiva às telas, bem como as estratégias adotadas por adultos para mediar e supervisionar o uso de dispositivos eletrônicos por crianças entre zero e seis anos de idade.

Para fundamentar teoricamente as discussões propostas, recorreremos às teorias de estudiosos como Piaget (1952), que aborda o desenvolvimento cognitivo infantil; Vygotsky (1989), que destaca a importância das interações sociais na aprendizagem; e Erik Erikson (1950), cujas etapas do desenvolvimento psicossocial são cruciais para entender a formação da identidade na infância. Também nos apoiamos nas orientações de instituições relevantes, como a Sociedade Brasileira de Pediatria (2016), a Organização Mundial da Saúde (2019) e o Ministério da Saúde (2014), que fornecem diretrizes e recomendações sobre o desenvolvimento infantil e o uso de tecnologia. Adicionalmente, incorporamos os estudos de autores como Ariès (1981), que detalha a evolução da infância ao longo da história; Barreto *et al* (2023), que analisam os efeitos do uso excessivo de dispositivos eletrônicos no desenvolvimento das crianças; Berger e Berger (2000), que investigam como as experiências sociais e não sociais influenciam o processo de desenvolvimento infantil; Dubar (1997), que aborda o conceito de socialização como um processo fundamental na formação das identidades sociais e profissionais dos indivíduos, entre outros.

Além da presente introdução, este trabalho está estruturado em dois capítulos e uma conclusão. O primeiro capítulo está subdividido em três subtópicos nos quais inicialmente abordamos as transformações do conceito de infância ao longo dos séculos, destacando as mudanças na percepção e no tratamento das crianças pela sociedade. Em seguida, exploramos diversas perspectivas e teorias que elucidam o processo de socialização e desenvolvimento infantil, sob uma ótica tanto sociológica quanto psicológica. Ainda neste capítulo, realizamos uma análise da sociedade digital e dos novos desafios que surgem com a tecnologia, examinando as formas contemporâneas de socialização infantil e os problemas associados ao uso excessivo de dispositivos digitais. O segundo capítulo está estruturado em um título principal e quatro subtópicos, dedicados a uma análise detalhada das entrevistas realizadas com os sujeitos mencionados anteriormente. No título principal, detalha-se a metodologia

da pesquisa. Nos subtópicos subsequentes, são apresentadas as perspectivas das professoras e da psicóloga acerca de suas vivências e experiências profissionais relacionadas ao uso de telas por crianças. Em seguida, são destacadas as entrevistas realizadas com as mães, abordando os desafios na mediação e supervisão parental do uso de telas. Posteriormente, é analisada a entrevista com a gestora escolar, enfocando o papel da escola na educação digital e sua presença no contexto atual. No último tópico, são apresentadas algumas estratégias de intervenção para minimizar o uso de telas. Por fim, a conclusão apresenta uma síntese de todas as discussões realizadas ao longo deste trabalho, destacando os principais pontos aqui discutidos.

2. CRIANÇAS, SOCIEDADE E SOCIALIZAÇÃO

2.1 Perspectiva sócio-histórica sobre o conceito de infância

A infância é a fase inicial da vida, uma fase importantíssima e que deve ser protegida. No entanto, a sociedade nem sempre teve esse olhar exclusivo para as crianças.

Na Idade Média e até meados do século XVIII¹, a infância foi marcada por uma visão repleta de equívocos e preconceitos, onde inexistia o sentimento de infância. As crianças eram tratadas como pequenos adultos, sem uma consideração adequada às suas necessidades. Não havendo nada que os distinguisse dos adultos, a não ser o tamanho e a redução de força. No entanto, apesar de tantos equívocos sobre a infância, não significa que as crianças não eram amadas por seus pais; elas eram amadas, mas de uma maneira diferente. As crianças dessa época, talvez não tivessem suas necessidades infantis atendidas da forma como entendemos hoje. A compreensão do que significava amar uma criança era diferente, refletindo os valores e as concepções da época, onde o cuidado e a proteção vinham acompanhados de uma expectativa de que a criança se adaptasse rapidamente ao mundo adulto.

Segundo o historiador Phillipe Ariès, considerado o pioneiro no campo da história a trazer a infância como objeto de estudo, “assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes.” (Ariès, 1981, p. 153). Logo que as crianças ganhavam um pouco de idade, aprendiam a servir e trabalhar e cresciam expostos aos costumes e vivências dos mais velhos. Também passavam a se vestir como os adultos, com o mesmo modelo de roupa, o que muitas vezes impossibilitava o movimento corporal, impedindo a criança de realizar atividades comuns da infância, como o brincar.

Antes do início da Idade Contemporânea, por volta do século XVII, surge de forma lenta e gradual, novas percepções da sociedade sobre a criança. Surge um

¹ Convém, aqui, para situar o mencionado período, referir a periodização histórica ocidental: Idade Antiga, 4000-3500 a.C. ao século V d. C.; Idade Média, do século V ao século XV; Idade Moderna, do século XV ao século XVIII; Idade Contemporânea, do século XVIII até os dias atuais.

sentimento, nomeado por Ariès (1981) de “paparicação”, um novo sentimento de infância. As famílias passam a ver as crianças pequenas como uma forma de entretenimento, servindo para divertir seus pais e parentes, com as suas ações cotidianas.

Gradualmente, as famílias tornaram-se mais afetuosas com seus filhos, surgindo um sentimento de preocupação e cuidado e a necessidade de separá-los do mundo dos adultos. Surge, então, a escolarização, impulsionada pela Revolução Industrial, dando início à separação da criança e do adulto, proporcionando mudanças na sociedade e causando um impacto sobre o conceito de infância.

Tratava-se de um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos de seus filhos e os acompanhavam com uma solicitude habitual nos séculos XIX e XX, mas outrora desconhecida. (...) A família começou então a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância, que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela (Ariès, 1981, p.12).

Até o fim da Idade Moderna, as famílias tinham numerosas quantidades de filhos. Nessa época, muitas crianças vinham a óbito antes mesmo de completarem 1 ano de vida. A partir da Idade Contemporânea, o número de filhos foi reduzido, para que a criança pudesse ser cuidada com mais atenção, evitando sua morte, pois as famílias criaram um sentimento pela criança, que antes não existia.

A igreja também contribuiu para a reforma do conceito de infância, através da iconografia, onde passou a representar anjos em forma de criancinhas. Desse modo, a sociedade passou a ver as crianças como seres puros e de luz, surgindo a necessidade de proteção, cuidado e o afastamento do mundo adulto.

A partir da Idade Contemporânea², a criança passa a ser vista como um ser histórico, cultural e de direitos, recebendo cada vez mais destaques na sociedade, “somente em épocas comparativamente recentes veio a surgir um sentimento de que

² Convém, aqui, para situar o mencionado período, referir a periodização histórica ocidental: Idade Antiga, 4000-3500 a.C. ao século V d. C.; Idade Média, do século V ao século XV; Idade Moderna, do século XV ao século XVIII; Idade Contemporânea, do século XVIII até os dias atuais.

as crianças são especiais e diferentes, e, portanto, dignas de ser estudadas por si sós.” (Heywood, 2004, p.10).

A era contemporânea é marcada por transformações profundas na organização da sociedade e na forma de enxergar a infância. As pesquisas e os estudos sobre a criança se estenderam em diversas áreas para buscar compreender e não cometer tantos erros como foram cometidos no passado. Os governos passaram a criar leis específicas que garantissem o direito da criança, e a indústria ampliou a sua produção voltada a utensílios infantis, focando na fabricação de roupas, brinquedos, filmes e livros diversos, que se adequem a toda faixa etária.

Várias ciências começaram se desenvolver, trazendo mais compreensão sobre o desenvolvimento infantil, com destaque para a pediatria, pedagogia e a psicologia infantil. A indústria passou a reconhecer as crianças, produzindo roupas especiais, brinquedos, livros infantis, material pedagógico, filmes e animações. E, finalmente, vários países passaram a criar leis especiais de proteção à criança, sendo que o grande marco foi em 1948, quando a ONU lançou a Declaração Universal dos Direitos da Criança (Viana, 2018, p.50).

Esse desenvolvimento reflete uma mudança profunda nos valores sociais, que agora reconhecem a infância como uma fase distinta e essencial para a evolução humana. Com isso, surgem novos conceitos de infância, hoje considerada como a etapa inicial da vida, abrangendo o período do nascimento até os 12 anos de idade. Surge, também, o conceito de primeira infância, fase que corresponde aos primeiros anos de vida da criança, compreendida entre o nascimento e os 6 anos de idade, a qual daremos enfoque neste trabalho.

No entanto, o conceito de infância não é linear. Ele se modifica conforme as mudanças sociais, culturais e econômicas que ocorrem na sociedade. É evidente que, ao longo dos anos, o conceito de infância vem se transformando, e na atualidade, faz-se necessário pensar sobre a infância contemporânea.

As crianças contemporâneas, imersas em um mundo altamente tecnológico, desenvolvem novas formas de ser e de aprender, forjadas na sociedade atual. Atualmente, para a infância, os modos de pensar, de brincar e de se comunicar vêm sofrendo grandes alterações e acabam voltados para os meios digitais, como as redes sociais, jogos eletrônicos, serviços de *streaming*, entre outros. Acerca disso, Esperança (2015) pontua que:

As crianças contemporâneas, nascidas com a vida de consumo, parecem desenvolver o potencial adaptativo às condições de um mundo em acelerado movimento, ajustando-se às demandas de aprendizagem e incorporando as invenções tecnológicas, que se sucedem continuamente, às suas interações. A crescente exposição às mídias capacita essas crianças a identificarem marcas, tecnologias e produtos recém lançados e a manejá-los com notável desembaraço (Esperança, 2015, p. 26).

Atualmente, a infância está fortemente ligada à tecnologia, aos aparelhos eletrônicos e às mídias sociais. Os pequenos aprendem rapidamente a usar os aparelhos, geralmente ainda enquanto bebês. Na contemporaneidade, é natural ver criancinhas manejando um celular facilmente, antes mesmo de aprenderem a falar ou andar.

Estamos vivenciando um período da infância em que não há espaço para as brincadeiras e as vivências sociais, pois “as brincadeiras e brinquedos típicos da infância têm se tornado cada vez mais raros, pois, frente às telas, tem perdido a preferência das crianças.” (Barreto *et al*, 2023, p. 59). É notável, portanto, que a tela vem sendo a protagonista na infância contemporânea. Com isso, a magia do brincar e as interações com outras pessoas acabam sendo deixadas de lado.

As tecnologias estão tomando um grande espaço. Rotineiramente é possível ver crianças frente às telas passando grande parte do seu tempo em smartphones, tablets, computadores e televisões, consumindo jogos e vídeos, sendo expostas por seus próprios pais/cuidadores, que pensam estar gerando algum tipo de entretenimento a criança (Barreto *et al*, 2023, p. 59).

O processo de socialização é um fator crucial no desenvolvimento infantil, permitindo que a criança aprenda e incorpore comportamentos e habilidades essenciais para viver em sociedade. No entanto, na sociedade atual, as interações sociais têm migrado significativamente para o ambiente virtual. Essa forma de interação, muitas vezes superficial e mediada pela tecnologia, pode comprometer o desenvolvimento das habilidades sociais, influenciando negativamente a socialização tradicional, limitando a profundidade entre as trocas e interações com o outro, podendo prejudicar o desenvolvimento de habilidades, como: a resolução de problemas, a empatia, a paciência, a comunicação, a capacidade de compreender e se expressar, além de limitar o contato físico e as brincadeiras ao ar livre.

Por fim, é fundamental que pais e cuidadores promovam um equilíbrio saudável entre o tempo de tela e as atividades que envolvem a interação social direta. Nesse contexto, se faz necessário a reeducação digital para os responsáveis, incluindo orientações necessárias sobre o uso adequado e responsável das tecnologias, destacando a importância de monitorar e estabelecer limites para o tempo de tela. Isso assegura que pais e cuidadores possam oferecer melhores oportunidades para as crianças no mundo digital.

2.2 Abordagens sobre o processo de socialização e o desenvolvimento infantil

A sociologia analisa como os diversos contextos socioculturais moldam e influenciam o processo de desenvolvimento infantil. Segundo Berger e Berger (2000), desde o nascimento, as crianças são introduzidas em um processo complexo de aprendizado social, que representam um aspecto fundamental para a formação do indivíduo e a manutenção da sociedade. Nesse processo, elas passam a internalizar regras, comportamentos, valores e princípios de uma determinada comunidade em que estão inseridas.

De acordo com Berger e Berger (2000), As experiências não sociais, tais como a fome e o sono, são de natureza essencialmente biológica. Embora a fome e o sono sejam necessidades inerentes ao organismo humano, ambas são profundamente influenciadas por fatores sociais e culturais. Sentimos fome de acordo com os horários e padrões alimentares aos quais estamos culturalmente habituados, assim como os horários em que dormimos, que são amplamente moldados por fatores sociais e culturais. A estruturação das refeições em momentos específicos do dia e a prática de dormir durante a noite são condicionamentos sociais que influenciam na regulação da fome e do sono. Assim, mesmo necessidades biológicas fundamentais, como a fome e o sono, estão interligadas a contextos e normas sociais, evidenciando a complexidade das interações entre o biológico e o social.

Essas experiências vivenciadas pela criança estão interligadas às vivências e fatores sociais que moldam, por meio de regras ou modelos de comportamento, o desenvolvimento do indivíduo. Fatores como classe social, religião, etnia e gênero, influenciam as oportunidades e experiências das crianças. Os cuidadores, desempenham um papel importante nas experiências não sociais, como a alimentação, a regulação do sono, a higiene pessoal e as funções fisiológicas, que

são reguladas por rotinas sociais. Esses hábitos e regras, estabelecidos pelos cuidadores impactam tanto o desenvolvimento quanto o bem-estar físico e emocional da criança.

A introdução da criança no espaço social é promovida inicialmente pela família à qual a criança pertence, e pela escola. No entanto, a formação social não se dá apenas nesses dois espaços, acontece, também, por meio da influência de outros agentes sociais, com os quais a criança passa a conviver e pertencer ao longo da sua vida, como a igreja, os clubes, os grupos de pares e outros adultos que não fazem parte da família.

A socialização é um processo essencialmente ativo que se desenrola durante toda a infância e adolescência por meio das práticas e das experiências vividas, não se limitando de modo algum a um simples treinamento realizado pela família, escola e outras instituições especializadas (Belloni, 2007, p. 58).

A construção desse processo inicia-se no núcleo familiar, onde as crianças adquirem comportamentos sociais básicos. A escola também é um espaço rico para a formação social, ofertando oportunidades de interação com outras crianças e promovendo o estímulo de habilidades sociais e culturais.

A criança é a autora principal do seu processo de socialização, agindo de forma ativa, passando a assimilar características comportamentais e culturais, modos de vida, hábitos, crenças, papéis sociais, valores e princípios do grupo em que está inserida.

De acordo com Belloni (2007, p. 59), “A socialização é um processo de relações humanas (...)”. Dito isso, o processo de socialização é complexo e contínuo, e pode ser abordado através de diversas perspectivas teóricas. Entre as principais abordagens, além das abordagens sociológicas, estão as perspectivas de Piaget, Vygotsky e Erik Erikson, as quais abordaremos de forma breve a seguir.

Para Jean Piaget (1952), a socialização infantil está diretamente ligada ao desenvolvimento cognitivo. Segundo o psicólogo, a criança passa por quatro estágios de desenvolvimento cognitivo, caracterizados por diferentes formas de pensar e compreender o mundo ao seu redor, são eles: o estágio sensório-motor (0 a 2 anos); o estágio pré-operatório (2 a 7 anos); o estágio das operações concretas (7 a 11 anos) e, por fim, o estágio das operações formais (a partir dos 11 anos).

De acordo com Piaget (1952), até o período pré-operatório a criança tem uma visão egocêntrica, a partir da qual vê o mundo através da sua própria perspectiva. No entanto, ao decorrer das suas vivências e interações sociais, a criança passa a ver o mundo pela perspectiva do outro. Piaget destaca a relação com pares como um aspecto importante da socialização, capaz de promover o desenvolvimento da colaboração, cooperação e reciprocidade, características essenciais para a socialização.

Para o psicólogo, o ser humano passa por esses quatro estágios ao longo da sua vida, podendo variar a idade de acordo com a realidade de cada indivíduo, levando em consideração diversos fatores como: o meio em que o ser humano está inserido, os estímulos ofertados durante cada etapa vivenciada e as experiências e interações que acontecem ao longo da sua vida.

O psicólogo Lev Vygotsky (1989), também, realizou importantes contribuições sobre o desenvolvimento cognitivo. Ele destaca a importância da linguagem e das interações sociais para o desenvolvimento do ser humano. De acordo com o psicólogo, o indivíduo não pode se desenvolver por completo se não houver interação com o outro. Para isso, Vygotsky propõe a Teoria do Desenvolvimento Proximal ou Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Essa teoria diz respeito ao que a criança é capaz de realizar independentemente e o que a criança pode realizar através do auxílio de outra pessoa mais experiente. Essa teoria destaca a influência da interação social, promovendo o aprendizado e o desenvolvimento cognitivo e sociocultural das crianças.

A teoria proposta por Vygotsky (1989) destaca a importância e a necessidade das interações sociais para o desenvolvimento cognitivo, mostrando que, com apoio e mediação adequadas dos pais, educadores ou até mesmo de outras crianças mais experientes, a criança pode alcançar níveis mais elevados no processo de aprendizagem.

Já o psicanalista Erik Erikson (1950) desenvolveu uma teoria do desenvolvimento psicossocial, enfatizando a importância das interações sociais e culturais. De acordo com sua teoria, o ser humano se desenvolve em oito estágios, entre eles, os primeiros quatro estágios estão relacionados diretamente ao desenvolvimento social infantil. São eles:

- Confiança *versus* desconfiança (do nascimento aos 18 meses de vida): nesse estágio a criança aprende a confiar ou desconfiar, isso vai

depende do tipo de convívio que ela terá com seus pais ou cuidadores.

- *Autonomia versus vergonha e dúvida* (dos 18 meses aos 3 anos de idade): durante essa etapa, a criança desenvolve em si um senso de autonomia, na medida em que aprende a explorar. Essa autonomia pode ser estimulada, a fim de que a criança se torne capaz de fazer suas próprias escolhas ou pode ser inibida, através de críticas ou controle excessivo dos pais ou cuidadores, causando medo e dúvida na capacidade da criança.
- *Iniciativa versus culpa* (dos 3 aos 5 anos de idade): nessa fase, a criança passa a ter a iniciativa de criar e inventar brincadeiras, jogos ou histórias. Quando são encorajadas, podem desenvolver a habilidade de liderança e o senso de iniciativa, quando desencorajadas, podem sentir dificuldade ou medo de liderar e tomar decisões.
- *Engenho, trabalho versus inferioridade* (dos 5 aos 13 anos de idade): Nesse estágio, através da interação social proporcionada pela escolarização, a criança desenvolve habilidades sociais e acadêmicas. Quando há valorização no esforço da criança, desenvolve-se um senso de competência. Quando esse esforço não é valorizado a criança pode desenvolver o sentimento de fracasso e inferioridade.

Os estágios de desenvolvimento propostos por Erikson (1950) convidam a uma reflexão profunda sobre como os estímulos e a valorização de cada etapa vivenciada pela criança podem impactar a formação da sua identidade social. O autor concebe o desenvolvimento social como um processo contínuo, onde cada estágio prepara e constrói o ser humano para enfrentar o próximo. Essa visão destaca que nossa evolução é moldada tanto por experiências internas, quanto por experiências externas, que nos permitem vivenciar e interagir com o mundo ao nosso redor.

Embora abordem aspectos distintos do desenvolvimento, as teorias de Piaget, Vygotsky e Erik Erikson compartilham semelhanças entre si, pois os teóricos se preocupam com o desenvolvimento humano – seja ele cognitivo, psicológico ou social – e sugerem que esse desenvolvimento ocorre em etapas. Embora possa haver variações na idade em que o indivíduo atinge cada etapa, elas tendem seguir uma

ordem definida. Além disso, esses pensadores concordam que as experiências vivenciadas na infância desempenham um papel crucial no desenvolvimento. É através da interação com o outro e com o ambiente, que a criança atinge o ápice do seu desenvolvimento social, psicológico ou cognitivo. No entanto, dependendo do contexto sociocultural em que o indivíduo está inserido, o processo do desenvolvimento pode variar significativamente.

Em resumo, a socialização infantil é um processo contínuo e multifacetado que influencia a maneira como as crianças interagem com os outros e se posicionam na sociedade. Por meio dessas vivências, elas desenvolvem as habilidades essenciais para se tornarem adultos funcionais e socialmente integrados.

No entanto, na sociedade contemporânea, as formas de interação social vêm sofrendo mudanças significativas devido à evolução tecnológica. O desenvolvimento social, que antes ocorria predominantemente em ambientes presenciais, como a escola e a família, agora é fortemente influenciado pelas mídias digitais. Acerca desta questão, Belloni, aponta que:

A família permanece uma instância fundamental de socialização, mas as formas assumidas por sua ação neste processo estão profundamente transformadas pela modernidade, inclusive pela ação ainda desconhecida das novas tecnologias de informação e comunicação (Belloni, 2007, p. 58).

As novas tecnologias oferecem tanto oportunidades, quanto desafios para o desenvolvimento infantil. Elas oferecem às crianças acesso a uma vasta gama de recursos educacionais, além de ampliar suas perspectivas através do contato com diferentes informações culturais e sociais. Contudo, o uso excessivo ou inadequado dessas tecnologias pode resultar em isolamento social, reduzir o tempo de convivência com a família e amigos, e expor as crianças a conteúdos impróprios de forma precoce. Portanto, a intermediação dos pais e educadores é fundamental para orientar a interação da criança com o mundo digital, proporcionando um desenvolvimento social equilibrado, que combine as novas possibilidades tecnológicas com as formas tradicionais de socialização.

Afinal, como assinala a abordagem sociológica, a identidade de alguém é o resultado da socialização de sua individualidade, logo se há problemas no seu processo de socialização, a pessoa, possivelmente, terá problemas do ponto de vista identitário (Berger e Berger, 2000; Dubar, 1997).

2.3 A infância na sociedade digital: novas formas de socialização, tempo de tela e novos problemas

A primeira infância é um período decisivo para o desenvolvimento cerebral, bem como para a aquisição de habilidades cognitivas, físicas e sociais. Durante essa fase, o cérebro está em constante e intensa atividade, desenvolvendo conexões cerebrais e formando estruturas e ligações neurais em ritmo acelerado, fundamentais para o desenvolvimento futuro do indivíduo. Nesse estágio, as experiências vividas causam um grande impacto, moldando e influenciando significativamente as capacidades sociais, cognitivas e emocionais da criança. Esse processo pode ser potencializado ou não, dependendo dos estímulos aos quais a criança será exposta nessa etapa vital do desenvolvimento humano. Desse modo,

O ambiente no qual ela está inserida, os cuidados dispensados pelos pais e/ou cuidadores, estímulos e alimentação fazem parte de forma importante dessa fase de maturação. Um ponto de grande importância para o desenvolvimento infantil são as habilidades que ela adquire durante o brincar. A criança aprende a reagir aos estímulos, explorar objetos e estimula a imaginação e criatividade. Entretanto, percebe-se que, com o passar dos anos, o brincar vem sofrendo alterações em sua forma, principalmente nos últimos anos (Barreto *et al*, 2023, p. 59).

Atualmente, as telas e os meios digitais vêm ganhando espaço na vida cotidiana das crianças, ocupando o lugar das brincadeiras e das interações sociais. Cada vez mais cedo, as crianças vêm tendo acesso a aparelhos eletrônico, como: televisão, celular, tablets, vídeo game, computador e notebook. Geralmente, essa exposição acontece de forma precoce e excessiva e, com isso, a fase do brincar acaba sendo deixada de lado. Contudo, cabe salientar que essa exposição pode gerar problemas severos, afetando diretamente o desenvolvimento infantil.

De acordo com as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS), em um documento intitulado *Guidelines on physical activity, sedentary behaviour and sleep: for children under 5 years of ³age*, de 2019, até completar 2 anos de vida, a criança deve ter restrição total ao uso de telas. Nessa fase, pais e cuidadores devem dar prioridade a brincadeiras interativas no chão e a atividades físicas; e durante os

³ Diretrizes sobre atividade física, comportamento sedentário e sono: para crianças menores de 5 anos.

momentos de inatividade do bebê, recomenda-se a leitura ou a contação de histórias. A partir dos 2 aos 4 anos de idade, a recomendação do uso é de até uma hora por dia, intercalando esse uso com atividades físicas, brincadeiras, interações sociais, leituras e atividades ao ar livre, a fim de estimular um desenvolvimento equilibrado e saudável para as crianças.

Em concordância, o Ministério da Saúde destaca, em um documento de 2014, intitulado *O impacto do desenvolvimento na primeira infância na aprendizagem*, que:

A primeira infância é o período que abrange os primeiros 6 (seis) anos completos ou 72 (setenta e dois) meses de vida da criança. São nos primeiros anos de vida que ocorrem o amadurecimento do cérebro, a aquisição dos movimentos, o desenvolvimento da capacidade de aprendizado, além da iniciação social e afetiva. Estudos mostram que quanto melhores forem as experiências da criança durante a primeira infância e quanto mais estímulos qualificados ela receber, maiores são as chances de ela desenvolver todo o seu potencial (Brasil, 2014).

De fato, os primeiros seis anos de vida constituem um período crítico para o desenvolvimento integral da criança. Durante essa etapa, o cérebro passa por um intenso processo de amadurecimento, influenciando diretamente a aquisição das habilidades físicas, sociais, emocionais e cognitivas. Os estímulos adequados ofertados na infância são fundamentais para o pleno desenvolvimento das capacidades da criança. Por outro lado, a falta ou inadequação desses estímulos pode dificultar ou limitar o potencial de crescimento infantil.

Desse modo, na contemporaneidade, o uso abusivo de telas pode ser o grande vilão dessa fase, inibindo estímulos primordiais para favorecer o desenvolvimento saudável e completo da criança.

A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), em um documento de 2016, intitulado *Saúde das crianças e dos adolescentes na era digital*, enfatiza que o tempo do uso de telas deve ser proporcional à cada etapa do desenvolvimento infantil. É essencial que pais e cuidadores possam controlar e limitar o tempo de tela oferecido para as crianças. No documento, as recomendações são:

Limitar o tempo de exposição às mídias ao máximo de 1 hora por dia, para crianças entre 2 a 5 anos de idade. Crianças entre 0 a 10 anos não devem fazer uso de televisão ou computador nos seus próprios quartos. Adolescentes não devem ficar isolados nos seus quartos ou ultrapassar suas horas saudáveis de sono às noites (8-9 horas/noite/fases de crescimento e desenvolvimento cerebral e

mental). Estimular atividade física diária por uma hora (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2016, p.3).

Atualmente, as crianças estão criando uma dependência significativa pelos dispositivos eletrônicos. As interações e brincadeiras acabam acontecendo frente as telas e as crianças passam muitas horas do seu dia em dispositivos eletrônicos, sobrando pouco espaço para as brincadeiras e interações sociais. Os pequenos passam a ficar reclusos do mundo, entrando em “modo zumbi”, onde não interagem, não prestam atenção no ambiente, nem realizam movimentos ativos com o corpo. Geralmente passam muito tempo sentados, o que pode levar a criança a desenvolver uma postura incorreta, podendo causar dores musculares e problemas ortopédicos, prejudicando o desenvolvimento motor e a coordenação motora, através da redução do tempo dedicado a atividades que movimentam o corpo. A falta de movimento pode causar o sedentarismo e desencadear uma série de doenças, como diabetes, obesidade ou em outros casos pode causar um índice de massa corporal abaixo do que é considerável saudável. Acerca disso, vale destacar:

O tempo de exposição à tela é considerado um fator de risco para o comportamento sedentário, para doenças cardiovasculares e metabólicas em adultos. Já em crianças pode causar obesidade, maior pressão arterial e problemas relacionados à saúde mental, além de reduzir o tempo de interação social e familiar e favorecer exposição a conteúdos impróprios. Alguns autores associam a alta exposição à tela a atrasos nos domínios de linguagem, e habilidade motora fina (Nobre *et al*, 2021, p. 1128).

Além disso, a interação social e o desenvolvimento emocional, podem ser afetados, pois o uso abusivo das telas pode limitar as oportunidades de comunicação e interação social, habilidades essenciais para o desenvolvimento cognitivo.

Um aspecto adicional que merece atenção é a influência das mídias digitais na adultização precoce pelas crianças, devido ao acesso antecipado a conteúdos inapropriados para a faixa etária. A exposição constante, e sem supervisão, aos dispositivos digitais pode forçar as crianças a amadurecerem a sua capacidade emocional e cognitiva de forma prematura. Esse problema pode levá-la a um desenvolvimento “desequilibrado”, causando problemas de comportamento e dificuldades nas relações sociais, acadêmicas, emocionais e psicológicas, pois a

criança está sendo exposta a um ambiente mais exigente e complicado, com comportamentos e conteúdos destinados aos adultos, impedindo o desenvolvimento completo e saudável da infância.

O uso de telas, quando mediado e ofertado em medidas adequadas, pode contribuir para o desenvolvimento infantil, proporcionando bons estímulos, inclusive quando se trata de educação e aprendizagem, pois as novas tecnologias oferecem diversas plataformas e aplicativos que contribuem para o aprendizado e desenvolvimento de novas habilidades acadêmicas. Nesse sentido, faz-se necessário repensar estratégias que promovam o uso adequado das tecnologias. Cabendo aos responsáveis buscar maneiras de estabelecer limites para esse uso, através de rotinas com horários pré-estabelecidos para que as crianças possam intercalar o uso dos aparelhos eletrônicos com outras atividades. E aos educadores, cabe buscar métodos e estratégias para orientar as famílias sobre os riscos que a dependência eletrônica pode proporcionar, e sobre quais são as orientações e as recomendações para determinada idade. Tais ações devem ter como finalidade promover o uso saudável das telas, a fim de reaproximar as crianças ao mundo real.

Este capítulo procurou realçar a compreensão sobre a perspectiva sócio-histórica do conceito de infância, destacando os principais marcos e transformações que moldaram a visão da sociedade contemporânea a respeito desse período fundamental da vida humana. Além disso, buscamos explorar abordagens sociológicas e psicológicas sobre o processo de socialização e desenvolvimento infantil, evidenciando as novas formas de socialização contemporânea mediadas pelos meios digitais. Por fim, destacamos os riscos da exposição prolongada a dispositivos eletrônicos e ressaltamos a importância dos cuidados e orientações dos pais e outros responsáveis, para evitar a exposição excessiva às telas, preservando, assim, o bem-estar e o desenvolvimento saudável das crianças.

3. INFÂNCIA E TELA: PERSPECTIVAS DE PAIS, EDUCADORES E PROFISSIONAIS DA SAÚDE

Neste trabalho, utilizaremos a análise temática para explorar as percepções e experiências de pais, educadores e psicólogos, sobre os impactos no desenvolvimento infantil, causados pelo uso excessivo de telas. “A AT é um método de análise qualitativa de dados para identificar, analisar, interpretar e relatar padrões (temas) a partir de dados qualitativos.” (Souza, p.52). Essa abordagem qualitativa nos permite lapidar dados brutos em uma narrativa coerente e significativa, a fim de identificar temas que nos ajudem a explicar as percepções dos entrevistados. Conforme Souza (2020), a análise temática está dividida em 6 fases:

- A primeira fase da análise começa com a familiarização com os dados, o que envolve o pesquisador em atividades como coleta, transcrição e revisão dos dados. A leitura e releitura ajudam a gerar novas ideias e identificar possíveis padrões, guiando o processo de análise, seja ele teórico-dedutivo ou baseado nos dados indutivos;
- Na segunda fase inicia-se a criação de códigos a partir dos dados. Nessa fase os dados são organizados em grupos de significados, embora os códigos sejam diferentes dos temas, que são mais abrangentes e começam a ser gerados na fase 3, onde a análise interpretativa ocorre;
- Na terceira fase o foco da análise se concentra nos temas mais abrangentes. O objetivo é classificar os diferentes códigos em potenciais temas, reunindo todos os extratos relevantes que estão sendo desenvolvidos. Assim, o pesquisador começa a examinar os códigos, considerando como diferentes códigos podem se combinar para formar um tema abrangente;
- Na quarta fase, a principal característica é o aprimoramento dos temas. Durante esse processo, pode-se perceber que alguns candidatos a temas não se sustentam, seja pela falta de dados suficientes ou pela heterogeneidade excessiva dos mesmos. Além disso, é possível que dois temas que parecem distintos possam se fundir em um único tema, ou que certos temas precisem ser subdivididos. Essa fase pode ser dividida em outras 2 etapas: o nível 1 que revisa os extratos de dados

em cada tema para verificar se formam um padrão coerente e se há material suficiente para escrever sobre o determinado tema, se não, os temas devem ser reformulados; e o nível 2 que analisa a validade dos temas em relação ao banco de dados como um todo, exigindo uma releitura para codificar dados adicionais e refinar os códigos;

- A quinta fase se inicia com um mapa temático, com temas definidos e refinados para apresentação dos resultados da análise. Isso envolve identificar a essência de cada tema e o conjunto total, bem como esclarecer qual aspecto dos dados cada tema representa;
- A sexta e última fase realiza-se a análise final e a redação do relatório. Essa tarefa envolve narrar a história complexa dos dados, visando convencer o leitor sobre a validade da análise. O quadro 1 apresenta a análise temática das entrevistas realizadas:

Quadro 1 – Operacionalização da análise temática das entrevistas

Fase 1: leitura, transcrição e anotações iniciais.	Fase 2: Geração dos códigos.	Fase 3: Buscando temas.	Fase 4: temas que funcionam em relação aos extratos/banco de dados; mapa temático.	Fase 5: Refinamento temático.
Quantidade de páginas: 14 Anotações iniciais: palavras que mais se repetem: Impacto, exposição, problemas, desenvolvimento, aprendizagem, Agressividade, irritabilidade,	Códigos das entrevistas: ET1, ET2, ET3, ET4, ET5, ET6 Codificação das entrevistas: EE (Exposição excessiva); IDAI (Interferências no desenvolvimento e na aprendizagem	IDAI, EES DCF, CA, ISE: Consequências do uso excessivo de telas na infância. CP e SF: Desafios na mediação e supervisão digital.	Do outro lado da tela: consequências do uso de telas na 1ª infância Desafios na mediação e supervisão digital. O papel da escola na	1. Do outro lado da tela: consequências do uso de telas na infância. 1.1. Perspectiva dos professores. 1.2. Perspectiva dos psicólogos. 2. Desafios na mediação e

comprometimento, pais, família, professor, controle, limites, equilíbrio, concentração, foco, déficit de atenção, hiperatividade, estímulos.	infantil); CP (Controle parental); SF (Supervisão Familiar) EES (Excesso de estímulos); DCF (Dificuldades de concentração e foco); CA (Comportamentos agressivos); ISE (Impacto socioemocional); MUT (Monitoramento do uso de telas); CSUT (Conscientização sobre o uso de telas); RFC (Relação família e escola); AL (Atividades ao ar livre); IS (Interação social); RTT (Redução do tempo de telas)	CSUT e RFC: O papel da escola na educação e conscientização sobre o uso de telas na infância. AL, IS e RTT: Intervenções para a redução do tempo de tela das crianças.	educação e conscientização sobre o uso de telas na infância. Intervenções para a redução do tempo de tela das crianças.	supervisão parental. 3. O papel da escola na educação e conscientização digital. 4. Estratégias de intervenção para a redução do tempo de tela das crianças.
--	--	---	--	--

Foram realizadas seis entrevistas semiestruturadas com diferentes perfis de participantes, com o objetivo de obter uma compreensão abrangente das experiências e perspectivas relacionadas ao tema em questão. Dentre os entrevistados, estavam duas mães, residentes nas cidades de Rio Tinto e Itapororoca, que compartilharam suas vivências e desafios na mediação do uso de telas por crianças. As mães foram selecionadas com base em suas abordagens divergentes em relação à supervisão do uso de telas por suas filhas. Além delas, participaram duas professoras que atuam em

Campina Grande e Curral de Cima. Essas educadoras trouxeram suas perspectivas sobre a influência das tecnologias na aprendizagem e no desenvolvimento infantil, fornecendo perspectivas valiosas sobre a dinâmica da sala de aula e as interações com os alunos. Uma gestora escolar que atua em uma creche na cidade de Rio Tinto também foi entrevistada. Sua contribuição foi fundamental para compreender de que forma as instituições escolares propõem e orientam pais, alunos e professores sobre a educação digital. Por fim, uma psicóloga especializada em Terapia Cognitiva-Comportamental da Infância e Adolescência, atuante na cidade de Itapororoca, trouxe uma visão clínica sobre os impactos do uso excessivo de telas no desenvolvimento emocional, social e comportamental das crianças.

As entrevistas foram realizadas na cidade de Rio Tinto, que foi escolhida como local central devido à acessibilidade para os entrevistados e para a entrevistadora. Embora alguns participantes sejam de cidades diferentes e distantes, muitos deles visitam Rio Tinto para rever familiares ou participar de atividades religiosas, especialmente durante o período festivo da cidade. Essas circunstâncias favoreceram os encontros, permitindo que todos os participantes se reunissem em um único local, embora em dias distintos. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas minuciosamente por meio da análise temática, conforme a abordagem interpretativa proposta por Souza (2019). Esse método de análise buscou garantir a precisão e a integridade das informações coletadas, permitindo a identificação de padrões, categorias e temas emergentes nas falas dos participantes.

3.1 Do outro lado da tela: Consequências do uso excessivo de telas na infância

Vivemos em um mundo onde as telas estão presentes em todas as etapas da vida do ser humano. Desde a mais tenra idade, as crianças estão sendo cercadas dos mais diversos dispositivos eletrônicos que há no mundo atual, como smartphones, televisores, tablets, videogames, computadores, entre vários outros. Embora o uso de telas possa trazer alguns benefícios para o desenvolvimento do ser humano, seu uso excessivo vem gerando muita preocupação ao olhar dos pais, professores e profissionais da saúde. Durante as entrevistas, pudemos observar, em diversos relatos, o quanto a criança vem sendo afetada e prejudicada devido aos longos

períodos frente às telas, provocando uma crescente dependência dos dispositivos eletrônicos e causando consequências no desenvolvimento social, emocional, cognitivo, físico e motor dos pequenos. Para fornecer uma perspectiva prática sobre os efeitos do uso excessivo de telas nas crianças, buscamos relatos de profissionais da educação e da saúde que lidam constantemente com esses desafios em seus cotidianos profissionais.

3.1.1 Perspectivas dos professores

Ao realizarmos as entrevistas com as professoras, observamos os desafios e consequências relacionadas à exposição excessiva de telas na infância. A professora “A” nos apresentou o caso de um dos seus alunos:

Acompanho um caso desde o ano passado, a criança era exposta a muitas horas às telas... Tinha um comportamento extremamente agressivo para com seus colegas. Constantemente alterava a voz, furava os colegas com a ponta do grafite, não parava um minuto. Chamamos os responsáveis e nossa primeira orientação foi para que suspendessem o uso excessivo do celular. O aluno em questão fica em média até às duas horas da manhã em um celular. Com o comprometimento dos pais, o comportamento desse aluno, somado a outras medidas pedagógicas, melhorou significativamente (Professora A, entrevista gravada, 2024).

A fala da professora “A” destaca que o comportamento agressivo e os problemas de socialização do aluno mencionado, podem estar relacionados a exposição prolongada aos dispositivos eletrônicos. A descrição do aluno que “constantemente alterava a voz” e “furava os colegas com a ponta do grafite” ilustra a frustração e a agitação que podem surgir quando as crianças se tornam dependentes de estímulos eletrônicos ou quando são expostas a conteúdos que não são adequados para a idade, muitas vezes levando a comportamentos inadequados em ambientes sociais. Além disso, a menção de que o aluno ficava “em média até às duas horas da manhã” em um celular revela uma realidade preocupante, que não só impacta o seu comportamento, mas também pode comprometer seu sono e, consequentemente, seu desempenho acadêmico e bem-estar geral.

Outro caso é relatado pela professora “B”: a situação de um aluno, de 1 ano e 11 meses. A criança mencionada tinha uma forte dependência de dispositivos eletrônicos e passava grande parte do seu tempo livre frente às telas. A professora “B” observou que, para se comunicar, a criança usava apenas gestos e sinais. Segundo ela, “Ao investigarmos, descobrimos que seu desenho favorito era Pocoyo e que ele tentava imitar a comunicação do personagem.” (Professora B, entrevista gravada, 2024).

O desenho mencionado na fala da professora refere-se a um desenho animado onde os personagens se comunicam através de gestos com a mão. Com isso, podemos observar o quanto o conteúdo fornecido aos nossos pequenos pode ser prejudicial para o seu desenvolvimento. Embora muitos programas infantis sejam projetados para serem educativos e divertidos, há algumas preocupações sobre seus impactos potenciais; a imitação de comportamentos não verbais dos personagens levou a um atraso no desenvolvimento da fala da criança. Esse exemplo sublinha a importância de supervisionar e selecionar cuidadosamente o conteúdo a que as crianças são expostas.

A criança mencionada estuda em uma creche, e no momento em que passou a estudar em período integral, a professora notou diversos problemas de comportamentos nela. Segundo a Pedagoga: “[...] notamos que, por volta do meio-dia, ficava ansioso e nervoso. Descobrimos que isso coincidiu com o horário em que ele assistia TV em casa.” (Professora B, entrevista gravada, 2024). A professora relata que, ao negar o uso da televisão, a criança demonstrava raiva e frustração, se tornava agressivo consigo mesmo ou com os colegas da sala. De acordo com a professora: “Ao não conseguirmos distraí-lo, tínhamos que lidar com uma frustração desnecessária da criança e uma série de fatores que acabavam desestabilizando o ambiente.” (Professora B, entrevista gravada, 2024).

Segundo a professora “B”, o aluno em questão se frustra com bastante facilidade, tem dificuldade para se concentrar e para conseguir dormir sozinho, além de não conseguir realizar uma atividade pela segunda vez: “em uma atividade de coordenação motora fina, que requer uma dedicação e concentração maior da criança, se ele não conseguir fazer a primeira vez, ele joga tudo e começa a chorar.” (Professora B, entrevista gravada, 2024). A professora relata que todas as vezes que a criança quer assistir televisão ou ter acesso ao celular de outros adultos que estão por perto, ele chora “Justamente porque quando ele está em casa e entra em uma

situação de crise ou de birra, os pais ofertam telas para que ele pare de chorar, então ele sabe que se ele chorar ou bater, será ofertado telas para ele.” (Professora B, entrevista gravada, 2024).

A entrevista com a professora “B” revela uma série de questões críticas relacionadas ao uso excessivo de dispositivos eletrônicos por crianças, particularmente em idades muito novas. A situação descrita ilustra como a dependência de telas pode impactar negativamente diversos aspectos do desenvolvimento infantil, incluindo habilidades de comunicação, comportamento, e a capacidade de lidar com frustrações.

A professora “B” também notou problemas comportamentais graves, incluindo ansiedade, frustração e agressividade, especialmente quando a criança era privada do uso de telas. A coincidência entre o horário de assistir TV e a ansiedade observada na creche sugere que a criança desenvolveu uma dependência emocional em relação à televisão. A frustração e a agressividade resultantes da privação de telas indicam que os dispositivos eletrônicos estavam sendo utilizados como uma ferramenta para acalmar e distrair a criança, em vez de abordar as causas subjacentes do seu comportamento.

A resposta dos pais ao comportamento da criança também desempenha um papel crucial. Oferecer telas como uma solução imediata para birras ou crises reforça um ciclo vicioso, onde a criança aprende que comportamentos negativos resultam no acesso a dispositivos eletrônicos. Isso não só perpetua a dependência de telas, mas também impede o desenvolvimento de habilidades para lidar com frustrações de maneira saudável.

Destas entrevistas infere-se a necessidade de uma abordagem equilibrada e consciente no uso de dispositivos eletrônicos por crianças. Enquanto a tecnologia pode ser uma ferramenta educacional valiosa, seu uso excessivo, sem a supervisão adequada, pode levar a uma série de problemas, como vimos nos casos relatados anteriormente. É essencial que pais e educadores trabalhem juntos, para estabelecer limites, a fim de promover um desenvolvimento saudável e equilibrado durante o crescimento e evolução dos pequenos. As situações descritas pelas professoras A e B, servem como alerta sobre os impactos potenciais do uso indiscriminado de telas e a importância de estratégias mais eficazes e educativas.

3.1.2 Perspectiva dos psicólogos

Buscando compreender melhor esses impactos, conversamos com uma psicóloga, com pós-graduação em Terapia Cognitiva-Comportamental da infância e adolescência. Suas experiências e conhecimentos sobre os efeitos das telas no comportamento e desenvolvimento infantil, nos proporcionam uma ampla visão sobre esta temática. Fornecendo informações importantes sobre os impactos em diversos aspectos do desenvolvimento da criança, incluindo a saúde mental, emocional, social e cognitiva. Segundo a psicóloga:

As crianças têm apresentado bastante irritabilidade com as intervenções voltadas para a diminuição do uso de telas. De maneira cognitiva, percebo um atraso no desenvolvimento de linguagem, raciocínio lógico e percepções de modo geral, tanto na aprendizagem (Escola), como nos comportamentos de difícil manejo. No que concerne à área social, percebe-se um atraso no desenvolvimento de habilidades sociais, como falar em público, se expressar com seus pares, empatia, liderança grupal e até manejo de situações no cotidiano, como fazer/solicitar pedidos ou a realização de algumas tarefas solicitadas pelos responsáveis. Emocionalmente, percebo as crianças mais impacientes, com dificuldade em manejar suas emoções, como, por exemplo, o “tédio”, as crianças que estão fazendo o uso constante de telas, não conseguem, muitas vezes, esperar sua vez, lidar com a espera tem sido um grande vilão para as crianças. Além disso, há muito instabilidade emocional quando o uso de telas é voltado para jogos, quando a criança se encontra perdendo, tem dificuldade em lidar com a frustração (Psicóloga, entrevista gravada, 2024).

A entrevista com a psicóloga revela um cenário preocupante quanto ao impacto do uso excessivo de telas sobre as crianças. A irritabilidade crescente em resposta às tentativas de reduzir o tempo de tela é um claro sinal de dependência, o que é problemático. No âmbito cognitivo, é evidente que as crianças estão sofrendo atrasos significativos no desenvolvimento da linguagem, raciocínio lógico e habilidades perceptivas, o que afeta diretamente sua performance escolar e comportamento diário. Socialmente, o atraso no desenvolvimento de habilidades essenciais como falar em público, expressar-se adequadamente com os colegas, demonstrar empatia e exercer liderança grupal, é particularmente inquietante. Emocionalmente, as crianças parecem ter uma enorme dificuldade em manejar suas emoções, lidar com o tédio e as frustrações. Segundo a psicóloga: “As crianças tem apresentado dificuldade em

lidar com as emoções primária, como, alegria, raiva e medo.” (Psicóloga, entrevista gravada, 2024).

A psicóloga relata que, atualmente, as buscas pela psicoterapia infantil têm aumentando consideravelmente. De acordo com a profissional: “Tenho percebido o aumento de crianças com ansiedade, até antes dos 07 anos de idade, o que só corrobora para confirmarmos que a geração atual tem sido afetada pelas mudanças na área tecnológica.” (Psicóloga, entrevista gravada, 2024). Essas observações sublinham a necessidade urgente de uma abordagem mais equilibrada e consciente quanto ao uso de tecnologia por parte das crianças, destacando a importância de limites claros e atividades alternativas que promovam o desenvolvimento integral.

Em semelhança com o caso da criança relatado pela professora “B”, a psicóloga fala sobre o uso de algumas plataformas de mídia social, como o YouTube e os conteúdos acessados por seus pacientes: “[...] são aplicativos de uso constante pelas crianças. As crianças tendem a repetir os comportamentos vistos nesses canais, que, muitas vezes, são comportamentos disfuncionais.” (Psicóloga, entrevista gravada, 2024). A entrevista revela um panorama preocupante sobre a influência de alguns desenhos no comportamento das crianças, assim como no caso da criança da professora B.

Alguns programas infantis podem apresentar dinâmicas que não são adequadas para o desenvolvimento saudável da criança, como atitudes de desrespeito, competitividade excessiva, resoluções inadequadas de conflito, onde, muitas vezes, a criança reage de forma agressiva. Essa imitação de comportamentos pode afetar a maneira como as crianças interagem com seus pares e lidam com situações do dia a dia, uma vez que elas podem não ter um referencial positivo para moldar suas próprias ações. A menção a “comportamentos disfuncionais” ressalta a necessidade de uma reflexão crítica sobre o tipo de conteúdo que está sendo consumido pelas crianças.

Portanto, para mitigar esses efeitos negativos, é essencial que pais e educadores estejam atentos não apenas ao tempo que as crianças passam frente às telas, mas, também, aos conteúdos que as crianças acessam. Além da supervisão, o diálogo se faz necessário para que a criança possa compreender que alguns conteúdos ou redes podem ser inadequados ou prejudiciais. Através do diálogo, a criança poderá desenvolver habilidades de análise, criticidade e reflexão sobre os

conteúdos acessados, distinguindo conteúdos que lhe forneçam algum benefício de outros que possam lhe causar malefícios, evitando a reprodução de comportamentos inadequados e prejudiciais para o seu desempenho cognitivo e social. Desse modo, pais e educadores podem orientar as crianças a fazerem escolhas mais saudáveis e construtivas em relação ao uso da tecnologia, promovendo-se um acesso seguro e benéfico ao ambiente virtual.

3.2 Desafios na mediação e no controle parental

Para entender melhor os desafios enfrentados na mediação e no controle parental do uso de telas durante a infância, realizamos entrevistas com duas mães em diferentes contextos. Uma delas exerce um controle rigoroso sobre o uso de dispositivos digitais, enquanto a outra enfrenta desafios maiores nessa tarefa. Essas entrevistas nos proporcionam uma visão aprofundada das estratégias e dificuldades que pais, em diversas realidades socioeconômicas e culturais, encontram ao tentar equilibrar o uso da tecnologia com o desenvolvimento saudável de seus filhos.

O primeiro caso a ser analisado é o de Laura (nome fictício), uma criança de quatro anos que teve seu primeiro contato com as telas entre um e dois anos de idade. Inicialmente, não existiam limites estabelecidos para o uso de dispositivos digitais. Enquanto sua mãe trabalhava, Laura passava o dia inteiro utilizando o celular, sem qualquer controle ou supervisão dos conteúdos acessados. A falta de preocupação inicial em relação ao uso excessivo de telas mudou quando a mãe começou a notar os efeitos negativos no comportamento da filha. Segundo ela: “Ela sempre foi uma menina muito esperta, que gosta de interagir e brincar, mas, aos três anos, passou a ter medo de tudo e não queria ficar com mais ninguém a não ser comigo. Tornou-se uma criança muito fechada e medrosa” (Mãe de Laura, entrevista gravada, 2024).

Aos três anos, Laura começou a manifestar comportamentos atípicos e preocupantes. Conforme relatou sua mãe: “ela começou a ter medo de frequentar outros cômodos da casa, dizendo que via aranhas, cobras e que o teto estava caindo.” (Mãe de Laura, entrevista gravada, 2024). O medo irracional de Laura se manifestou em várias situações cotidianas, como ficar sozinha em cômodos da casa ou ir ao banheiro, onde afirmava ver cobras e aranhas. A mãe de Laura continuou seu relato, afirmando:

Ela já havia aprendido a fazer suas necessidades no banheiro, nunca tivemos problemas com isso. Mas, nesse período, ela passou a fazer as necessidades na roupa, dizia que tinha medo de ir ao banheiro. Tentei conversar com ela para entender o que estava acontecendo, mas ela só me dizia que não queria fazer as necessidades no banheiro, pois tinha uma cobra no vaso (Mãe de Laura, entrevista gravada, 2024).

Laura, que já havia aprendido a usar o banheiro, começou a fazer suas necessidades fisiológicas nas roupas devido ao medo que sentia. Além de se isolar socialmente, preferindo a companhia exclusiva da mãe e evitando a interação com outras pessoas, a situação levou sua mãe a se preocupar com a possibilidade de um problema psicológico mais grave: “Pensei que minha filha tinha algum problema psicológico, cheguei a suspeitar de esquizofrenia [...] levei ela à psicóloga e, lá, descobrimos que esse medo estava sendo causado pelos vídeos que ela assistia no celular” (Mãe de Laura, entrevista gravada, 2024). A psicóloga identificou que os medos da criança estavam diretamente relacionados a vídeos de susto ou “trolagem”⁴ que ela assistia em seu celular. Esses vídeos continham cenas aterrorizantes, como cobras saindo de vasos sanitários ou aranhas emergindo de armários, que Laura acreditava serem reais.

A mãe de Laura, que inicialmente não sentia a necessidade de mediar essa relação, viu-se obrigada a tomar medidas para evitar que a situação se agravasse. Seguindo as orientações da psicóloga, Laura foi afastada do celular para eliminar a fonte de seus medos e matriculada em uma turma de balé, com o objetivo de proporcionar uma alternativa saudável e construtiva ao uso do celular. No entanto, a mãe de Laura relata que esse processo não foi simples e trouxe diversos desafios iniciais: “Restringimos o uso do celular, e foi muito frustrante. Ela ficava irritada e estressada, não entendia” (Informação verbal, 2024).

Inicialmente, a retirada do celular foi uma experiência frustrante para Laura. Acostumada a passar longos períodos diante das telas, ela reagiu com irritação, demonstrando sinais claros de frustração. A falta do dispositivo também lhe causou estresse, possivelmente porque, ao sentir tédio, buscava o celular para suprir essa necessidade de estímulo. Essa mudança abrupta, em sua rotina, deixou-a confusa e

⁴ O termo “trolagem” refere-se a ações de provocar, irritar ou enganar alguém intencionalmente, de forma humorística ou maldosa. A trolagem também pode incluir brincadeiras consideradas de mau gosto ou desrespeitosas.

ansiosa, pois o celular havia se tornado uma fonte habitual de entretenimento e distração. Ao enfrentar momentos de inatividade, Laura não conseguia encontrar outras formas de se entreter, o que a levava a expressar descontentamento de maneira intensa. Além disso, sendo muito jovem, Laura não conseguia entender por que não podia mais usar o celular como antes.

Apesar das dificuldades iniciais, a persistência na restrição do uso do celular começou a apresentar resultados positivos ao longo do tempo. Segundo a mãe de Laura: “Com o passar do tempo, tivemos bons resultados. Ela conseguiu perder o medo e voltou a interagir com as outras pessoas da forma que fazia antes” (Mãe de Laura, entrevista gravada, 2024).

O caso de Laura ilustra os impactos negativos que o uso não supervisionado da tecnologia pode ter sobre o desenvolvimento emocional e psicológico de crianças pequenas. A exposição a conteúdos inadequados pode gerar medos irracionais e comportamentos regressivos. No entanto, com a intervenção adequada, que inclui a diminuição do uso de telas e a introdução de atividades alternativas, pode ser possível amenizar esses efeitos e promover um desenvolvimento mais equilibrado. Este caso destaca a importância da supervisão parental e do estabelecimento de limites no uso de tecnologias por crianças, assegurando que seu impacto seja positivo e construtivo.

Em contraste com o primeiro caso, apresentamos outro relato a ser analisado: o cotidiano de Vitória (nome fictício), uma criança de um ano e sete meses que tem o mínimo de contato possível com telas. De acordo com sua mãe, essa decisão foi motivada por preocupações acerca dos efeitos do uso excessivo da tecnologia em crianças, que foram reforçadas por relatos que ouviu ao longo dos anos. Ela afirma: “Ela não faz uso de telas; às vezes, outras pessoas da família ou amigos oferecem algum desenho na TV ou no celular. Mas, em casa, ela não tem muito acesso; quando isso ocorre, é para ouvir músicas, sons de animais ou de crianças” (Mãe de Vitória, entrevista gravada, 2024).

Em casa, Vitória possui acesso limitado a dispositivos digitais. Entretanto, os desafios se intensificam em situações sociais, especialmente na casa da avó. Segundo a mãe: “minha mãe não tem muita paciência para brincar, então, toda vez que ela vai para lá, minha mãe coloca vídeo no celular na intenção de entretê-la” (Mãe de Vitória, entrevista gravada, 2024). A mãe de Vitória relata as dificuldades em manter essa decisão em um mundo onde o uso de telas por crianças pequenas é normalizado e até incentivado. Ela frequentemente enfrenta julgamentos, ouvindo

comentários como: “Deixa ela assistir” ou “Que besteira!”, e admite que, em momentos de cansaço, questiona se deveria permitir que sua filha tivesse acesso às telas para facilitar sua rotina. A mãe observa que, devido à falta de hábito no uso de dispositivos, Vitória não se envolve com eles da mesma forma que outras crianças, que frequentemente ficam paralisadas diante das telas. Ela afirma: “Sem as telas, ela cria as coisas, inventa suas próprias brincadeiras e histórias. Mas é muito difícil, e cada vez está mais difícil. É muito mais fácil você colocar ali uma tela e ficar 'sossegado'”. (Mãe de Vitória, entrevista gravada, 2024).

Apesar das dificuldades e pressões externas, a mãe de Vitória mantém-se firme em sua escolha e se orgulha de sua abordagem consciente, reconhecendo os benefícios que essa decisão trouxe para o desenvolvimento de sua filha. Em suma, a experiência da mãe de Vitória ilustra a luta entre a conveniência das tecnologias e o desejo de promover um desenvolvimento saudável. A decisão deliberada de evitar o uso excessivo de telas é desafiadora, mas também gratificante, pois possibilita a criação de um ambiente onde a criatividade e a interação social são incentivadas.

Em análise comparativa, os casos de Laura e Vitória revelam a complexidade e os desafios envolvidos no uso de telas por crianças. Esses dois casos ilustram, de forma complementar, as nuances da relação entre crianças e tecnologias. Enquanto o primeiro caso demonstra os riscos associados à falta de supervisão e ao acesso a conteúdos impróprios, o segundo ressalta a importância de uma abordagem consciente e proativa na mediação do uso de telas. Ambos os relatos enfatizam a relevância do papel dos pais na supervisão do uso das telas, bem como a necessidade de estabelecer limites claros, assegurando que as experiências digitais sejam enriquecedoras e construtivas para o desenvolvimento das crianças. A reflexão sobre esses casos nos convida a considerar estratégias que equilibrem a conveniência da tecnologia com o bem-estar e o desenvolvimento saudável das crianças em um mundo cada vez mais digital.

3.3 O papel da escola na educação e conscientização digital

A escola desempenha um papel crucial na educação e conscientização sobre o uso de telas na infância. Com a crescente presença da tecnologia no cotidiano das crianças, as instituições de ensino têm a responsabilidade de incluir a educação digital

em seus currículos. Esta abordagem não se limita a ensinar as crianças a manusear dispositivos digitais, mas também envolve orientá-las sobre os riscos e perigos associados ao uso excessivo das telas.

Para aprofundar nosso entendimento sobre como as escolas promovem este ensino digital, realizamos uma entrevista com uma gestora escolar. O objetivo foi compreender de que forma as escolas estão integrando essa educação digital em suas práticas pedagógicas e quais estratégias estão sendo adotadas para conscientizar os alunos sobre o uso responsável e seguro da tecnologia.

A gestora destaca a importância de uma abordagem que inclua a colaboração com os pais e a escola, mas, afirma que atualmente não há nenhuma promoção de atividade que proponha a educação digital. Segundo a gestora:

Apesar das iniciativas como o programa "Família e Escola: Parceria que Dá Certo", a colaboração entre pais e professores não tem alcançado os resultados esperados. Muitos pais não demonstram a mesma preocupação de antes com a educação de seus filhos. Consequentemente, os professores se veem sobrecarregados, assumindo a responsabilidade de resolver todos os problemas gerais na sala de aula. Isso torna a atitude das crianças em relação às telas um desafio significativo, já que a falta de envolvimento dos pais dificulta a implementação de práticas saudáveis de uso da tecnologia (Gestora, entrevista gravada, 2024).

A análise da fala da gestora revela um cenário preocupante em relação à colaboração entre pais e professores nas escolas. O programa "Família e Escola: Parceria que Dá Certo" não tem alcançado os resultados esperados, evidenciando uma lacuna significativa na comunicação e na cooperação entre os dois principais pilares da educação infantil.

A falta de preocupação dos pais com a educação de seus filhos é um fator central nessa problemática. Esse desinteresse tem levado os professores a assumirem um volume maior de responsabilidades e uma variedade de problemas que deveriam ser abordados conjuntamente com os pais.

A atitude das crianças em relação ao uso de telas tornou-se particularmente desafiadora. Sem o apoio e a orientação adequados em casa, muitas crianças não desenvolvem práticas saudáveis de uso da tecnologia. Esse comportamento reflete diretamente na sala de aula, onde os professores enfrentam dificuldades para manejar o impacto negativo das telas no desenvolvimento e no comportamento dos alunos.

A sobrecarga dos professores e a falta de envolvimento dos pais e da gestão escolar dificultam a implementação eficaz de estratégias educativas que promovam um uso equilibrado e benéfico das tecnologias. Essa dinâmica desfavorável sublinha a necessidade urgente de reforçar a parceria entre família e escola, criando um ambiente mais coeso e cooperativo para o bem-estar e o desenvolvimento integral das crianças.

Desse modo, como alternativa, a escola poderia promover uma educação digital abrangente, direcionada não apenas às crianças, mas também aos pais e professores. Muitos ainda não compreendem plenamente as consequências que o uso inadequado das telas pode causar no desenvolvimento infantil. É fundamental conscientizar todas as partes envolvidas, trazendo à tona casos e histórias reais que ilustrem os impactos negativos e positivos do uso da tecnologia.

A escola deve assumir um papel ativo na promoção da educação digital, insistindo e persistindo na implementação dessas iniciativas, mesmo diante de desafios iniciais. É importante observar que alguns sistemas educacionais ao redor do mundo têm adotado medidas restritivas em relação ao uso de telas nas escolas, argumentando que a limitação desse uso pode ajudar a prevenir distrações e problemas de saúde associados ao tempo excessivo de tela. Em contrapartida, outras abordagens buscam equilibrar a introdução de tecnologias digitais com práticas pedagógicas conscientes, promovendo um uso responsável e benéfico das ferramentas digitais no processo educativo.

Para alcançar esse objetivo, a escola pode organizar *workshops*, palestras e atividades práticas que envolvam toda a comunidade escolar. A conscientização dos pais é essencial durante esse processo, pois nenhuma estratégia seria totalmente eficaz sem a participação e colaboração dos mesmos. Nesse sentido, torna-se necessário fazê-los compreender que os riscos associados ao uso excessivo ou inadequado de telas não são meras preocupações triviais, mas questões sérias que podem afetar o bem-estar e o desenvolvimento de seus filhos. Ao integrar os pais nesse processo e oferecer orientações, a escola pode garantir que o uso de tecnologias digitais contribua positivamente para a educação e o crescimento das crianças, em vez de se tornar um fator prejudicial. Através de uma abordagem contínua e sistemática, é possível construir uma base sólida de conhecimento e conscientização, promovendo um uso equilibrado e mais saudável da tecnologia. É

crucial que a escola não desista após tentativas iniciais frustradas, mas persista em sua missão de criar um ambiente educativo onde o uso consciente das telas seja uma realidade para todos.

3.4 Estratégia de intervenção para a redução do tempo de tela das crianças

No tópico anterior, destacamos a importância da colaboração entre família, alunos e escola, na promoção da educação digital. Contudo, é igualmente pertinente explorar outras intervenções voltadas para a redução do tempo da interação das crianças com as telas. Assim, retomaremos nossa entrevista com a psicóloga, que revela a intricada dinâmica envolvida neste processo e propõe estratégias eficazes para enfrentar a resistência infantil e apoiar os pais nessa jornada. Para as crianças que fazem um uso frequente dos dispositivos digitais, a redução do tempo frente às telas pode ser desafiadora.

A psicóloga afirma: “Algumas crianças apresentam muita resistência nas intervenções, e os pais acabam muitas vezes desistindo, pois, as crianças ficam extremamente ansiosas e agressivas.” (Psicóloga, entrevista gravada, 2024). A redução do tempo de tela frequentemente encontra uma forte resistência por parte das crianças, que podem reagir com ansiedade e agressividade quando são privadas dos dispositivos digitais. Esta reação reflete a dependência criada pela exposição excessiva à tecnologia. Paralelamente, os pais, muitas vezes, se sentem desencorajados e desistem das intervenções diante da resistência das crianças. Isso revela a necessidade de oferecer suporte e estratégias eficazes para que os pais possam conduzir o processo de forma mais tranquila e confiante. Durante essa fase, a paciência é um elemento essencial no processo de redução do tempo de tela. A abordagem gradual minimiza a resistência e facilita a adaptação das crianças. Além disso, é fundamental manter uma comunicação clara e objetiva com as crianças sobre as mudanças nas regras de uso das telas. Explicar o motivo das mudanças e o que se espera delas ajuda a preparar a criança para a transição, tornando-a mais compreensiva e cooperativa. A psicóloga menciona uma estratégia que pode auxiliar os pais nessa jornada:

Uso de economia de fichas, é uma das abordagens que eu utilizo, que é a construção de um quadro que tem o objetivo de diminuir o

comportamento problema, e a partir daí a criança vai ganhando as fichas, que, no fim, poderá trocar por um passeio, um piquenique, ir com a família na sorveteria ou parque, vale ressaltar que o ganho, não pode ser algo material como: um celular, brinquedo novo, doces, mais tempo de tela. É necessário um momento com toda a família, de forma afetiva (Psicóloga, entrevista gravada, 2024).

A estratégia de “economia de fichas” visa a diminuição gradual de comportamentos problemáticos através de incentivos positivos. A ênfase em recompensas não materiais, como passeios e momentos em família, é um ponto forte dessa abordagem. Evitar que a tecnologia se torne uma moeda de troca e promover a construção de laços afetivos são objetivos centrais desta estratégia.

Outro ponto que a psicóloga destaca é a diminuição gradual do tempo de tela, para ela: “A diminuição é gradual, se você tirar de uma vez, não vai conseguir segurar essa regra [...]” (Psicóloga, entrevista gravada, 2024). A abordagem gradual é essencial para o sucesso na redução do tempo de tela. Realizar essa redução de forma abrupta pode ser contraproducente e difícil de manter. A recomendação é diminuir uma hora por vez e substituir o tempo de tela por atividades interessantes e envolventes, oferecendo alternativas atrativas para substituir o tempo de tela, a fim de ajudar a suavizar a transição e manter a criança engajada. A psicóloga ressalta:

Não é só tirar, a criança precisa brincar e ter algo pra fazer, então se ela fica em tela 10 horas no dia, tenta diminuir para 9 horas, substituindo por algumas atividades que chame a atenção da criança. E principalmente, crie uma rotina com seu filho, isso vai ajudar ele e também você como responsável (Psicóloga, entrevista gravada, 2024).

A criação de uma rotina estruturada é destacada como uma ferramenta útil para gerenciar o tempo de tela. Rotinas oferecem previsibilidade e segurança para a criança, facilitando a implementação de novos hábitos. A participação ativa dos pais na criação e manutenção da rotina é crucial. Isso não só apoia a criança na adaptação, mas também reforça o vínculo entre pais e filhos, tornando o processo mais colaborativo e eficaz.

Algumas opções de atividades para promover o desenvolvimento infantil e reduzir o tempo de tela incluem: atividades de pintura, que estimulam a criatividade e a expressão artística; jardinagem, que envolve plantar e colher, proporcionando uma

compreensão prática do ciclo da natureza; brincadeiras ao ar livre, que favorecem o desenvolvimento físico e social; e atividades que incentivem a imaginação e o raciocínio, como jogos de construção, contação de histórias, entre outras. Essas experiências são fundamentais para desenvolver habilidades motoras, cognitivas e sociais, além de proporcionar momentos de interação e aprendizagem significativa.

Este não é um processo fácil. No entanto, o controle gradual, a utilização de sistemas de recompensas não materiais, e a importância da paciência e da clareza destacam-se como elementos essenciais para o sucesso dessas intervenções. A promoção de atividades alternativas e a criação de rotinas estruturadas são práticas recomendadas para facilitar a adaptação das crianças e apoiar os pais neste processo desafiador. Dessa forma, é possível promover um uso mais saudável e equilibrado das tecnologias, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, este estudo teve como objetivo analisar os riscos associados à exposição precoce e excessiva a telas no desenvolvimento infantil, um tema de crescente preocupação e relevância na atualidade. Metodologicamente, para alcançar esses objetivos, realizamos entrevistas semiestruturadas com mães, educadoras e uma psicóloga. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas por meio da técnica da análise temática.

A análise do desenvolvimento histórico e social da infância revela uma trajetória marcada por transformações significativas, refletindo as mudanças na percepção da sociedade sobre a criança ao longo dos séculos. Desde a visão medieval, onde a criança era vista como um pequeno adulto, até a contemporaneidade, em que a infância é vista como uma fase crucial para o desenvolvimento humano e a criança é considerada um ser social, cultural e de direitos.

Este trabalho também buscou apresentar uma análise sobre a complexidade do desenvolvimento infantil e o papel crucial da socialização, evidenciando como fatores socioculturais moldam as experiências das crianças, que desde os primeiros momentos de vida, são imersas em um ambiente de aprendizado social que contribui na formação de sua identidade e habilidades sociais. As teorias de Piaget, Vygotsky e Erikson oferecem perspectivas valiosas sobre as etapas do desenvolvimento cognitivo, social e emocional, ressaltando a importância das interações e das experiências vividas ao longo da infância.

Contudo, a transformação das formas de socialização na sociedade contemporânea, impulsionada pelas novas tecnologias, representa um desafio significativo. O estudo destaca a importância de preservar a primeira infância e os riscos associados ao uso excessivo de telas e dispositivos eletrônicos. Reconhece que a infância é uma fase crítica para a formação das bases sociais, cognitivas e emocionais, onde experiências adequadas podem potencializar o desenvolvimento saudável. No entanto, a crescente dependência das tecnologias digitais tem gerado preocupações significativas, uma vez que a substituição das interações sociais e brincadeiras tradicionais por atividades mediadas por telas pode comprometer a aquisição de habilidades essenciais e prejudicar a saúde física e mental das crianças. As orientações da Organização Mundial de Saúde e da Sociedade Brasileira de

Pediatria sublinham a necessidade de limitar o tempo de exposição a dispositivos eletrônicos, priorizando atividades que estimulem o movimento e a interação social.

A análise das entrevistas realizadas destaca os efeitos negativos do uso indiscriminado de dispositivos eletrônicos na infância. Portanto, é fundamental que pais e educadores atuem como mediadores, estabelecendo limites e promovendo um uso consciente e saudável das mídias digitais. Em uma época de desinformação, é essencial saber analisar criticamente as informações sobre as novas tecnologias e suas implicações, buscando fontes confiáveis e participando ativamente no diálogo sobre o uso responsável das mídias digitais.

As estratégias de intervenção devem contemplar a redução gradual do tempo de tela, a introdução de atividades alternativas enriquecedoras e estimulantes, e a criação de rotinas consistentes que promovam o bem-estar das crianças. É crucial que os pais estejam conscientizados e engajados no processo de mediação do uso das telas, rompendo o ciclo de dependência e estabelecendo hábitos saudáveis desde cedo. A escola, por sua vez, deve assumir um papel ativo na educação digital, fornecendo orientação não apenas aos alunos, mas também aos pais e professores.

A responsabilidade compartilhada entre família e escola é fundamental para garantir que a tecnologia seja utilizada como uma ferramenta de apoio ao desenvolvimento, e não como um substituto prejudicial às interações humanas e às atividades físicas e criativas essenciais para o crescimento saudável. A implementação de estratégias eficazes e a promoção de uma utilização equilibrada das telas podem proporcionar um ambiente mais propício ao desenvolvimento integral das crianças, preparando-as melhor para os desafios de um mundo cada vez mais digital.

Além disso, é importante que políticas públicas e programas educacionais sejam desenvolvidos para apoiar essas iniciativas, criando uma rede de apoio que facilite a transição para um uso mais consciente e benéfico da tecnologia. Ao integrar esforços entre família, escola e comunidade, podemos cultivar um ambiente que favoreça o desenvolvimento saudável das crianças, assegurando que elas cresçam com as habilidades necessárias para “navegar” com sucesso no mundo digital, ao mesmo tempo valorizando as interações humanas e o aprendizado experiencial.

Dessa forma, é essencial reforçar a importância do brincar, das interações pessoais e das experiências do mundo real para o desenvolvimento infantil. O desafio

contemporâneo reside em encontrar um equilíbrio entre o uso das tecnologias e as vivências que favorecem o pleno desenvolvimento dos pequenos.

Por fim, este estudo serve como um chamado à ação para que acadêmicos, educadores e formuladores de políticas pública unam esforços em prol de um ambiente mais saudável para as crianças, garantindo que elas não apenas sobrevivam, mas prosperem em um mundo digital cada vez mais presente. Essa perspectiva pode inspirar futuras investigações, por exemplo, a realização de pesquisas em escolas pública e privadas, que busquem compreender de que forma acontece a educação digital e identificar as lacunas existentes, a fim de buscar soluções inovadoras e eficazes, como o desenvolvimento de programas educacionais que incentivem a interação segura e responsável entre as crianças e as telas. Esses programas podem ajudar a integrar os pequenos à nova era digital, ao mesmo tempo em que preservam as interações sociais e as experiências necessárias para a infância. Dessa forma, podemos ter a tecnologia como aliada e não como uma barreira ao crescimento integral infantil.

5. REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

BARRETO, Michele de Jesus; AZEVEDO, Rebeca Soares; ALENCAR, Carla; LIMA, Alcione Assunção Correia. Os impactos do tempo de tela no desenvolvimento infantil. **Revista Saúde UNIFAN**, p. 58-66, 2023.

BELLONI, Maria Luiza. Infâncias, mídias e educação: revisitando o conceito de socialização. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 57-82, 2007.

BERGER, Peter L.; BERGER, Brigitte. Socialização: como ser um membro da sociedade. *In*: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza. **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia**. Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos, 2000.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O Impacto do Desenvolvimento na Primeira Infância na Aprendizagem**. Comitê Científico, Núcleo Ciência pela Infância, Brasília, 2014.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Porto: Porto Editora, 1997.

ERIKSON, Erik H. **Infância e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

ESPERANÇA, Joice Araújo. Quem são as crianças contemporâneas? Reflexões sobre a construção da infância na sociedade de consumidores. **Diversidade e Educação**, v. 3, n. 6, p. 22-28, 2015.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

NOBRE, Juliana Nogueira Pontes; SANTOS, Juliana Nunes; SANTOS, Livia Rodrigues; GUEDES, Sabrina da Conceição; PEREIRA, Leiziane; COSTA, Josiane Martins; MORAIS, Rosane Luzia de Souza. Fatores determinantes no tempo de telas de crianças na primeira infância. **Ciência & Saúde Coletiva**, p. 1127-1136, 2021.

PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDRIATRIA. **Departamento Científico de Adolescência da Sociedade Brasileira de Pediatria**. Manual de Orientação. Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital. Rio de Janeiro: SBP, n 1, 2016.

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2020.

VIANA, Marcos Alan. Infância contemporânea: institucionalização e cerceamento. Curitiba: **Pluralidade em Saúde Mental**, v. 7, n. 2, p. 47-68, 2018.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Guidelines on physical activity, sedentary behaviour and sleep for children under 5 years of age. Geneva: **World Health Organization**, 2019.

6. APÊNDICES

Apêndice 1 – Questões que orientaram a entrevista com as professoras

1. Qual é a sua formação acadêmica?
2. Há quantos anos você trabalha com a docência?
3. Em qual turma leciona atualmente?
4. Como você analisa o uso de telas por crianças pequenas (Celular, tablet, TV, Vídeo game, etc.)?
5. Você considera que o uso excessivo de telas pode prejudicar a aprendizagem das crianças? Explique por quê.
6. Como você observa, no seu cotidiano escolar, o impacto das redes sociais e plataformas digitais (tiktok, Instagram, etc.)?
7. O uso excessivo de telas pode causar: irritabilidade, déficit de atenção, alteração do sono, hiperatividade, entre muitos outros. Na sala de aula, você consegue notar alguns desses impactos em seus alunos? Se sim, quais?
8. Enquanto pedagogo(a) de que forma seria possível orientar as famílias sobre o uso de telas na infância?
9. Deixe aqui um relato ou a sua opinião sobre o assunto:

Apêndice 2 – Questões que orientaram a entrevista com a gestora escolar

1. Qual é a sua formação acadêmica?
2. Há quantos anos você trabalha com a docência?
3. Como você analisa o uso de telas por crianças pequenas (Celular, tablet, TV, Vídeo game, etc.)?
4. Você considera que o uso excessivo de telas pode prejudicar a aprendizagem das crianças? Explique por quê.
5. Como você observa, no seu cotidiano escolar, o impacto das redes sociais e plataformas digitais (tiktok, Instagram, etc.)?
6. O que a escola tem feito para mediar ou educar a relação entre crianças e telas?
7. Enquanto gestor(a) de que forma seria possível orientar as crianças e as famílias sobre o uso de telas na infância?

Apêndice 3 – Questões que orientaram a entrevista com a psicóloga

1. Qual é a sua formação acadêmica?
2. Em qual área da psicologia você está atualmente focado(a) em sua prática profissional?
3. Há quanto tempo você atua nessa área da psicologia?
4. Como você avalia os impactos do uso excessivo de telas em crianças pequenas, tanto no desenvolvimento cognitivo quanto no emocional e social?
5. Você considera que o uso prolongado de telas pode afetar o desenvolvimento das habilidades sociais e a capacidade de interação das crianças? Se sim, de que maneira?
6. Como você observa, no seu cotidiano profissional, o impacto das redes sociais e plataformas digitais (YouTube, Tiktok, Instagram, etc.) sob as crianças?
7. Em sua prática, você observa evidências ou tendências preocupantes, relacionadas ao uso das telas de forma excessiva? Se sim, quais?
8. Você acompanhou casos de crianças que apresentam uso excessivo de dispositivos eletrônicos? Se sim, quais foram os desafios e abordagens utilizadas?
9. Enquanto psicólogo(a) de que forma seria possível orientar as famílias sobre o uso de telas na infância?

Apêndice 4 – Questões que orientaram as entrevistas com as mães

1. Qual é a idade do(a) seu(sua) filho(a)?
2. Com quantos anos ele(a) teve o primeiro acesso as telas?
3. Qual é o tipo de eletrônico mais utilizado por ele(a)?
4. Quantas horas por dia seu(sua) filho(a) passa frente as telas (TV, tablet, smartphone, computador)?
5. Quais tipos de conteúdo seu filho(a) costuma consumir?
6. Você estabelece limites de tempo para o uso de telas? Se sim, quais são esses limites?
7. Quais são as dificuldades enfrentadas para estabelecer esse limite?
8. O uso excessivo de telas pode causar: irritabilidade, insônia, déficit de atenção, hiperatividade, ansiedade e outros diversos problemas. Você percebe alguma mudança no comportamento ou humor do seu filho(a) após longos períodos de uso de telas? Caso tenha alguma relato sobre isso, nos conte aqui:
9. Quais atividades alternativas você oferece ao seu filho(a) para reduzir o tempo de tela?
10. Como você orienta seu filho(a) sobre os riscos e benefícios do uso de tecnologias?
11. Você acha que o uso de telas influencia no desenvolvimento do seu filho(a)? De que maneira?